



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS E AGRÁRIAS - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL NA PERSPECTIVA DA ATIVIDADE CRIADORA DA IMAGINAÇÃO: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

RENAN DE SOUZA SILVA

BANANEIRAS – PB

2025

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586o Silva, Renan de Souza.

Organização do Trabalho Pedagógico na Educação
Infantil na Perspectiva da Atividade Criadora da
Imaginação: um relato de experiência / Renan de Souza
Silva. - Bananeiras, 2025.
27 f. : il.

Orientação: Jalmira Damasceno.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHSA.

1. Atividade criadora da imaginação. 2. Prática
pedagógica. 3. Escuta. I. Damasceno, Jalmira. II.
Título.

UFPB/CCHSA-BANANEIRAS

CDU 37(042)

**ORGANIZAÇÃO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
NA PERSPECTIVA DA ATIVIDADE CRIADORA DA IMAGINAÇÃO: UM RELATO
DE EXPERIÊNCIA**

Artigo apresentado à Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias – Campus III, sob orientação da Profa. Jalmira Linhares Damasceno, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia. Submetido e aprovado em 12 de maio de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Jalmira Linhares Damasceno
Orientadora

Profa. Dra. Fabricia Sousa Montenegro
Examinadora

Prof. Dr. Lauro Pires Xavier Neto
Examinador

**BANANEIRAS-PB
2025**

Resumo:

Este trabalho científico, que apresento como relato de experiência de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica e experimental, teve como objetivo de estudo a organização do trabalho pedagógico na perspectiva da atividade criadora da imaginação na Educação Infantil. A educação infantil ainda expressa em seus trabalhos a herança do caráter assistencialista e compensatório de seu prelúdio, a partir disso se faz necessário pensar em práticas pedagógicas que quebrem com esse ciclo, o presente artigo tem a pretensão de contribuir com este movimento trazendo experiências que colaborem com o desenvolvimento de ideias de práticas que vão para além da reprodução escolar. Partindo de minhas experiências docentes frente a uma turma de pré escola da cidade de Solânea-PB, vinculadas ao projeto Canteiros de Criação do Programa das Licenciaturas (PROLICEN), descreve-se os esforços feitos pelo docente na tentativa de aproximação de sua prática com os conceitos de atividade criadora da imaginação abordados por Vigotski em seus textos, e utilizando-se como ferramenta de coleta de dados, a observação participante, aqui pensada através da ideia de escuta defendida por Paulo Freire, implicando diretamente no posicionamento do professor diante sua turma. De forma geral podemos concluir a partir da discussão aqui realizada com base na comparação de duas experiências de organização da prática docente que a atividade criadora da imaginação é mais perceptível no ambiente escolar a depender da garantia de alguns fatores favoráveis como a liberdade de brincar e a disposição de materiais do interesse infantil na sala de aula, além de exigir do professor um posicionamento crítico em relação a sua profissão. Por isso, na Educação Infantil, a escuta ativa e sensível das crianças foi para mim a descoberta de um saber necessário e fundamental no meu percurso formativo com as crianças.

Palavras-Chave: Atividade criadora da imaginação; Prática pedagógica; Escuta.

INTRODUÇÃO:

Este trabalho científico, que apresento como relato de experiência de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica e experimental, teve como objetivo de estudo a organização do trabalho pedagógico na perspectiva da atividade criadora da imaginação na Educação Infantil. Segundo Paulo Freire, uma Pedagogia da escuta tem como princípio norteador que *ensinar exige saber escutar* (Freire, 2021). Por isso, na Educação Infantil, a escuta ativa e sensível das crianças foi para mim a descoberta de um saber necessário e fundamental no meu percurso formativo com as crianças.

Neste contexto formativo, pude compreender que a base do diálogo com as crianças é a escuta sensível, ou seja, escuta de corpo inteiro que buscou se apoiar na atividade criadora

¹ Concluinte do curso de pedagogia pela universidade federal da Paraíba (UFPB);
Email: renan.souza@academico.ufpb.br.

da imaginação como princípio de organização de concepção e organização da prática pedagógica na perspectiva histórico cultural.

Para observar e aprender com a dinâmica inventiva das crianças, este relato de experiência teve por base a escuta ativa e sensível enquanto princípio pedagógico de acolhimento e compreensão da atividade criadora da imaginação enquanto fenômeno humano e social da prática educacional. Logo, uma perspectiva pedagógica que se desdobra em práticas de *acolhimento*, *diálogo*, *escuta* e *compreensão* das crianças enquanto sujeitos de ação e linguagem.

O campo de experimentação deste relato foi uma turma da pré-escolar com crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos, em uma escola localizada no município de Solânea no estado da Paraíba. A experiência está vinculada ao Projeto de Ensino intitulado *Canteiros de criação: arte, brincar e suas linguagens* na Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais, vinculado ao Programa das Licenciaturas - PROLICEN da Universidade Federal da Paraíba desenvolvido entre os meses de julho e setembro do ano de 2024. O referido Projeto tinha como objetivo contribuir para a melhoria da formação docente no âmbito da graduação do curso de pedagogia propondo como uma das ações o trabalho de mediação pedagógica em uma turma da Educação Infantil

Minha participação no Projeto aconteceu no meu último ano como discente do curso de pedagogia da UFPB, já no fim do meu percurso formativo. Sendo assim, a prática pedagógica desenvolvida por mim neste trabalho é fruto da minha experiência de 5 anos e reflete as ideias que mais se aproximam do meu sentimento de docência, sentimento este que foi sendo construído a partir das situações que mais me provocaram durante esta jornada. Lembro que em minha primeira participação no PROBEX, tive a oportunidade de ser monitor do curso de Língua e Cultura Surda, e a partir daí entendi a importância de uma educação que preze pela escuta e equidade, além de estudar a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que muito contribuiu na minha formação com um olhar mais atento aos pequenos gestos, que muitas vezes nos contam mais que uma frase inteira.

O meu sentimento de docência clamava por uma educação inclusiva e equitativa, mas ainda não sabia por quais meios iria atingir uma prática pedagógica na perspectiva da educação inclusiva. Assim sendo, por meio dos estudos na área da didática vista de um ponto histórico crítico, foi possível compreender que a melhor maneira para atingir esta finalidade da Educação Inclusiva e Equitativa é me inteirando sobre a realidade social dos educandos.

Construindo, com isso, a minha prática pedagógica de forma a promover a compreensão da realidade do educando, promovendo a criticidade e a autonomia rumo à melhoria da Educação. Por meio desta experiência, entendi a importância da docência ao compreender o caráter transformador da educação como poder de mobilização social.

Até este ponto, com poucas experiências que tinha em sala de aula, minha relação com a docência ainda era bem romântica, mas o meu romantismo mudou completamente com a minha participação no Programa Residência Pedagógica (PRP) que transformou minha percepção da realidade da educação brasileira. Nesse programa tive a experiência de lecionar para 3 turmas do Ensino Fundamental, na ordem cronológica das turmas de 3º ano, 4º ano e 2º ano, e com base nessas experiências, onde eu estava correndo contra os prazos e lidando com as expectativas externas em relação ao meu trabalho, e ainda frustrado em não construir a minha prática docente da forma que eu esperava, me elucidei.

Mesmo assim, frustrado, continuei meu percurso formativo, agora sem o romantismo característico dos iniciantes, ou seja, sem confundir a realidade histórica e social com o idealismo do romantismo pedagógico, até que tive a oportunidade de pagar o componente curricular de estágio supervisionado na Educação Infantil, o que me levou a desenvolver um trabalho em uma creche na cidade de Solânea-PB. Era minha primeira vez na educação infantil, e o cuidado que envolve esta etapa da educação me reacendeu o sentimento de docência que outrora havia se apagado. O contato com as crianças é realmente algo transformador, com elas pude compreender o poder da docência e a necessidade de educadores realmente comprometidos com a natureza lúdica das crianças.

Este novo momento de reavivamento pedagógico na minha experiência formativa, fiquei tocado ao perceber a relação de proximidade, escuta e acolhimento que a professora tinha com as crianças, e como que ela sabia lidar com cada uma delas respeitando suas individualidades e singularidades, além de tudo isso, a relação com os pais era bem mais próxima e existia de fato um diálogo entre escola e família que influenciava a dinâmica da instituição de Educação Infantil. Como exemplo de sensibilidade humana e social da escola, o lanche da manhã era servido mais cedo, pois era de conhecimento da escola que algumas crianças não tinham garantia do café da manhã todos os dias.

A experiência no estágio como um todo foi ótima, pude junto a minha colega de estágio da época experimentar propostas de atividades que se aproximassem mais da infância, explorando principalmente as brincadeiras. Porém, o estágio chegou ao fim e me deixou o

anseio por voltar a trabalhar na Educação Infantil, foi quando surgiu a vaga no projeto *Canteiro de Criação*, no qual fiz minha inscrição, fui aprovado na seleção e passei a fazer a parte da equipe do projeto de formação inicial. Neste contexto de formação inicial, no qual tive a oportunidade de refletir sobre a infância do ponto de vista crítico, ou seja, em uma perspectiva de desconstrução da concepção adultocêntrica, na qual o lugar da criança é o silêncio e a submissão ao ponto de vista vertical do adulto, compreendi a importância de pensar a infância e a organização da prática pedagógica na Educação Infantil a partir do eixo da atividade criadora da imaginação.

Sendo assim, a concepção de atividade aqui abordada através da perspectiva histórico-cultural, com foco nos trabalhos de Vigotski, é entendida como:

O gerador capaz de transformar a realidade e acumular experiências por várias gerações de seres humanos. Isso ocorre porque o ser humano, numa atividade coletiva ou individual sob a orientação de indivíduos mais experientes, é capaz de fazer e aprender muito mais coisas ao exercer uma atividade. Assim, haverá a apropriação dos produtos culturais da atividade humana que transforma, modifica e recria tanto a natureza como o próprio ser humano, gerando atividades diversas e complexas (MEIDEIROS, Simone. 2021 p. 5).

Dessa forma, podemos compreender atividade como um conjunto de ações e operações do sujeito para se relacionar com o mundo a sua volta, e que são adquiridas por meio da interação cultural e social. Sendo assim, no contexto da organização da prática pedagógica na Educação Infantil, tal conceito de atividade foi fundamental e me auxiliou na reflexão sobre as possibilidades de práticas pedagógicas centradas na atividade criadora das crianças. Segundo Vygotsky (2009), a base da ação transformadora da realidade é a atividade criadora da imaginação. Atividade que transforma, modifica, cria e recria a realidade em sua volta, produzindo, desta forma, uma cultura própria e singular.

O conceito de atividade segundo Vigotski (2009), diz que “toda ação humana que não reproduz as impressões ou lições de experiências anteriores, mas sim as reorganiza e as combina para dar passagem a algo que até então não se tinha experimentado”, aponta para uma perspectiva da atividade criadora da imaginação que não se reduz a reproduzir a realidade. Dessa forma, do ponto de vista das crianças, a atividade de combinar e reorganizar materiais, cores, objetos, etc. são formas de criar novas possibilidades de interação com a realidade na Educação Infantil. Esta modalidade de atividade se diferencia da atividade reprodutora, que se contenta em repetir aspectos observados da realidade.

A atividade criadora da imaginação não é uma experiência de seres excepcionais, mas uma modalidade de ação inerente ao ser humano, pois é por meio dela que as crianças criam e recriam a realidade em que se encontram inseridas. Com base nesta perspectiva de atividade, pude perceber a importância de espaços pedagógicos de acolhimento e escuta das crianças, no intuito de favorecer o desenvolvimento da atividade criadora da imaginação como forma de mediação de um trabalho pedagógico satisfatório e concentrado na natureza singular das crianças e da cultura lúdica. Rompendo com a lógica do assistencialismo, da uniformidade e da padronização industrial de espaços disciplinadores e regidos segundo a lógica do adulto.

Por isso, a perspectiva industrial que a escola segue, com tendência à padronização e uniformização das crianças, torna cada vez mais difícil o trabalho pedagógico de criação com as crianças, levando os professores a se limitarem a mera reprodução de atividades e obediência de comportamentos. Essa realidade se agrava se olharmos diretamente para a Educação Infantil, etapa da Educação Básica pouco valorizada pela sociedade. Neste sentido, as autoras Nascimento e Vestena (2019), nos dizem que:

Ocorre, no entanto, que a marca do assistencialismo e da mera guarda de crianças parece ainda assombrar as instituições educacionais para as crianças pequenas. Isso pode ser verificado na forma de organização dos espaços e, principalmente – como é foco deste estudo –, nas atividades organizadas e executadas no cotidiano dessas instituições. Trata-se de atividades que, muitas vezes, lembram contextos das fábricas e das indústrias, já que a proximidade com esses espaços vêm desde a Revolução Industrial (p.08).

Sendo assim, do ponto de vista da organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil, as pesquisas mostram uma insistência na padronização das crianças por meio de atividades prontas, onde as crianças só precisam reproduzir o existente. As atividades geralmente são impressas com o mesmo conteúdo para cada criança, com instruções de regras para serem seguidas, e que as crianças precisam seguir a risca para não errar, pois o erro nesse cenário é algo abominável. Nesta perspectiva de educação, a natureza singular das crianças é assassinada e condicionada cada vez mais a apenas reproduzir as percepções externas do mundo dominado pelo mercado.

Partindo deste cenário, este trabalho de relato de experiência se faz necessário pela urgência de pensar no desenvolvimento de uma prática pedagógica que quebre esse ciclo de reprodução e proporcione às crianças condições favoráveis à livre expressão da atividade criadora da imaginação e da cognição humana, considerando as experiências prévias dos alunos e seus interesses de experimentação.

Para isso, tive a iniciativa de propor a construção de uma práxis pedagógica que se baseia na atividade criadora da imaginação como eixo central de elaboração e organização da prática pedagógica na Educação Infantil. A fim de criar e propiciar na sala de aula um espaço de potencialização do processo de criação das crianças com foco em três fatores principais, como a experiência e experimentação sensível por parte das crianças, a dissociação como a prática da separação e combinação que envolve a síntese de elementos separados, e a construção de projetos com foco no processo de invenção, culminando assim no que aqui descrevi como organização do trabalho pedagógico tendo por base o eixo da atividade criadora da imaginação.

2 CAMINHO METODOLÓGICO

Este trabalho científico, que apresento como relato de experiência de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica e experimental, teve como objetivo de estudo a organização do trabalho pedagógico na perspectiva da atividade criadora da imaginação na Educação Infantil.

Neste trabalho, busquei construir um retrato de experiência próximo da minha vivência formativa, e assim contribuir com a construção do conhecimento que “pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante)” (MUSSI, 2021, p.?). Dessa forma, este relato de experiência busca traduzir a minha vivência docente como um experimento formativo fundamentado nas teorias necessárias ao aprimoramento do trabalho pedagógico na Educação Infantil.

Por isso, o relato de experiência quando bem fundamentado na teoria que o embasa, contribui de modo significativo na construção do conhecimento pedagógico para o campo de produção acadêmica. Nesse sentido, acredito ser possível com este relato, enriquecer as discussões que permeiam a atividade criadora da imaginação das crianças como eixo de organização da prática pedagógica na Educação Infantil. O foco de discussão do relato de experiência que envolve a ação criadora da imaginação das crianças tem como fundamento a descrição do processo pedagógico que deu origem a experiência desenvolvida. Sendo assim, o relato de experiência que apresento:

Tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo [...] Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados (PRODANOV & FREITAS, 2013. p. 70).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa preocupa-se em entender o fenômeno na sua totalidade, dando ênfase mais aos processos do que aos resultados, e entendendo que os resultados e conclusões são fruto da experiência específica e sua relação com a fundamentação teórica e metodológica. Neste sentido, não me apoiei em hipóteses e conjecturas dedutivas, mas no processo descritivo e minucioso da experiência. Como instrumento de construção dos dados me utilizei da observação participante e da escuta sensível, onde o pesquisador transforma-se em membro do grupo e da situação pesquisada (PRODANOV & FREITAS, 2013). Para isto, abordei a observação participante articulada com a discussão proposta por Paulo Freire sobre de escuta.

Escutar é obviamente algo que vai além da capacidade auditiva de cada um. Escutar no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. (Freire, Paulo. 2004. p. 43)

Com base nesta proposta de escuta, a ação docente que se fundamenta na escuta sensível, a qual não menospreza a fala das crianças e, portanto, compreende e dá importância aos seus conflitos, abre espaço na sala de aula para a construção de um ambiente de diálogo marcado por relações horizontais das crianças entre elas e entre as professoras e as crianças. Sem escuta não há como dialogar com as crianças. A escuta e o diálogo com elas é o que proporciona um diagnóstico mais preciso dos interesses das crianças da turma, além de abrir margem para um trabalho colaborativo com os sujeitos a quem este trabalho se destina.

O ser humano se constitui na relação que estabelece com o outro. Cabe observar que a interação social é um processo em que as dimensões cognitiva e afetiva não podem ser dissociadas. Interagindo, as crianças não apenas aprendem e se formam, mas ao mesmo tempo, criam e se transformam – o que as torna constituídas na cultura e produtoras de cultura (Motta, Flávio. 2011. p. 69).

Dessa forma, é interagindo com outras pessoas que os sujeitos adquirem cultura e se tornam produtores de cultura, aprendem os conhecimentos básicos sociais de que necessita, possibilitando uma ampliação de suas atividades, ou seja, constitui um campo de atuação propício ao trabalho da atividade criadora que estamos propondo aqui. Na interação e nas brincadeiras as crianças vão criando e recriando o mundo a sua volta e dando sentido a uma produção cultural que é a cultura lúdica como resultado da atividade criadora imaginação como eixo de articulação e organização da prática pedagógica.

Sendo assim, por meio da escuta sensível das crianças, suas brincadeiras e interações, fui aos poucos construindo as minhas percepções sobre o desenvolvimento da atividade criadora e sua importância para a prática pedagógica comprometida com uma Educação Infantil de qualidade que atenda as necessidades de desenvolvimento das crianças. Para isso, trabalhei com momentos de conversa semi-sistematizados e espontâneos, onde os momentos semi-sistematizados se traduziram em rodas de conversas que são:

Um espaço em que as crianças possam dialogar em situações significativas e variadas, partilhar e confrontar ideias, onde a liberdade da fala e da expressão proporcionam ao grupo como um todo e a cada indivíduo em particular, “o Crescimento na compreensão dos seus próprios conflitos” conforme aponta Madalena Freire (Angelo, Adilson De. 2011. p. 60).

Por meio das rodas de conversas, eu tinha como propósito provocar a fala das crianças de forma mais natural e espontânea possível, por isso, trouxemos a roda de conversa sem tema definido, para que as crianças falassem sobre o que lhes interessava no momento e a partir disso gerar uma discussão, utilizando-se apenas de questionamentos para incitar uma conversa. Com isto, aprendi que é escutando as crianças que proporcionamos momentos de diálogo com elas. Pois, é ouvindo as crianças de corpo inteiro que aprendemos o segredo da comunicação com elas.

Outra estratégia de abordagem que adotei foi trazer a roda de conversa em momentos distintos do dia, às vezes no início da tarde assim que as crianças chegavam, outras vezes após uma brincadeira ou depois do recreio, ou então, abordá-la como momento de encerramento das atividades do dia, a minha intenção foi não deixar a roda de conversa se tornar uma rotina sem sentido, mas “naturalizar” um processo de comunicação e expressão ativa das crianças, proporcionando rodas de conversas durante o dia para dialogar e trocar ideias.

Nesse sentido, como Paulo Freire esclareceu no trecho citado logo mais acima, escutar vai além da habilidade de ouvir, requer uma disposição de corpo inteiro, logo, o professor deve estar atento às diversas formas de expressão da atividade criadora das crianças, além de procurar desenvolver um trabalho que favoreça a ação e o espírito criador delas.

Em razão disso o meio assume uma importância significativa assim como o papel do grupo podendo-se inferir que os espaços destinados às crianças pequenas deverão ser desafiadores e acolhedores, pois, consequentemente, proporcionarão interações entre elas e delas com os adultos, isso resultará da disposição dos móveis, emateriais, das cores, dos odores, dos desafios que, sendo assim, esse meio proporcionará as crianças (HORN, Maria. 2009. p. 16).

Dessa forma, a perspectiva da atividade criadora da imaginação enquanto eixo de organização das brincadeiras e interações na Educação Infantil necessita de um espaço pedagógico pensado para realização de tais relações de ludicidade e invenções. Logo, um espaço organizado no sentido de atender as necessidades de descobertas e criações das crianças. Espaços que proporcionem o diálogo, experiências desafiadoras e acolhedoras de todas as crianças sem discriminação e com respeito profundo a natureza singular da infância.

CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

Os relatos aqui apresentados são ambientados em uma escola municipal localizada no centro da cidade de Solânea, que recebe crianças tanto da zona rural como urbana e oferece turmas que vão desde a Pré-escola até o 5º ano. Os trabalhos realizados estão vinculados ao Programa de Apoio às Licenciaturas (PROLICEN), em parceria com as ações desenvolvidas no Projeto Canteiros de Criação, tais como as linguagens artísticas, o brincar, a cultura lúdica e suas linguagens na Educação Infantil e Anos Iniciais Ensino Fundamental. Foi no Canteiro de Criação que descobri o poder da atividade criadora da imaginação e sua importância na organização do trabalho pedagógico.

A turma com a qual desenvolvi o meu trabalho na Educação Infantil situa-se no contexto da prática pedagógica na pré-escola que contava com 18 crianças matriculadas entre 4 e 5 anos e 11 meses de idades, e todas elas moravam na área urbana da cidade. As crianças nesta faixa etária, segundo a BNCC (2018), são categorizadas como crianças pequenas. Na turma existia uma criança diagnosticada com autismo, mas que não apresentou nenhuma

dificuldade de sociabilidade, e que participou espontaneamente de todas as atividades propostas, exceto em algumas brincadeiras quando preferiu ficar sentado observando.

A sala de referência da turma tinha um espaço pequeno, ocupado por várias mesas e cadeiras pequenas organizadas de forma próxima uma das outras formando duas grandes mesas nas laterais da sala, deixando um corredor no centro para circulação das crianças. As paredes tinham expostos trabalhos recentes das crianças nas laterais e duas estantes grandes de ferro que se encontravam no fundo guardando brinquedos e cadernos de atividades, além de um quadro branco que ficava na parede logo atrás da mesa da professora.

Neste espaço apertado e pouco propício para a atividade das crianças, não paralisava as ações da professora que, com foco na atividade criadora das crianças, eram pensadas para o espaço externo do pátio da escola que era mais amplo e ficava um pouco afastado das outras salas, para que não atrapalhasse o trabalho das colegas de profissão. O pátio era rodeado por cadeiras pequenas e era coberto com um telhado, apesar de também contar com um espaço aberto ao sol.

As ações do projeto foram realizadas na escola e aconteciam sempre no turno da tarde da sexta-feira, que foi o dia de trabalho cedido pela professora da turma para esta experiência, tendo início sempre às 13:00h e encerrando por volta das 16:30h, horário que os pais começavam a chegar para buscar suas crianças. Ao todo foram realizados oito (8) encontros que aconteceram entre os dias 5 de julho e 27 de setembro de 2024, onde no primeiro encontro foi realizada uma aproximação inicial com a turma, no qual pude conhecer melhor as crianças as crianças e observá-las, traçar o perfil de turma e um prevê diagnóstico que foi apresentado anteriormente.

A partir deste primeiro contato com a turma, me reuni com a professora e lhe passei as minhas percepções sobre os interesses de experimentação das crianças e as linguagens de expressão que elas já conheciam. Com base nisso, ela elaborou uma proposta de situação pedagógica que norteou nosso segundo encontro com a turma, que ainda buscava uma aproximação das crianças. Neste segundo dia a professora coordenadora do Projeto me acompanhou e juntos brincamos com as crianças e conversamos mais com cada uma delas, o que ajudou a conhecê-las melhor. Como diz Kishimoto (2009), brincar com as crianças é uma qualidade indispensável para professores e professoras na Educação Infantil.

Esses dois primeiros encontros me ajudaram a planejar outras seis (6) propostas de situações de aprendizagem. Propostas que tinham como principal objetivo a provocação da

atividade criadora da imaginação na infância e tinham sempre como ponto de partida as percepções realizadas por mim na experiência anterior. Destas 6 propostas realizadas, relato aqui duas (2) que considero trazerem diferentes perspectivas de abordagem docente, e que por consequência, nos ajudam a refletir da repercussão do trabalho do professor nos processos de imaginação e criação no trabalho das crianças.

3. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO COM EIXO NA ATIVIDADE CRIADORA DA IMAGINAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil no Brasil, inicialmente possui um caráter puramente compensatório e assistencialista, um trabalho que se restringe ao cuidado físico e na guarda das crianças sem necessidade e objetivo de na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Buscavam oferecer um espaço para as famílias deixarem seus filhos enquanto trabalham e tentando diminuir os níveis de fracasso escolar das classes marginalizadas, relegando assim a educação para com as crianças pequenas como um cuidado a parte do trabalho educacional básico, sistemático e intencional. É somente com a efetivação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), que essa separação chega ao fim e a educação Infantil “passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio” (BRASIL, 2018).

Com a efetivação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), as propostas pedagógicas voltadas para a Educação Infantil passam a ter um norte comum em relação às crianças e ao trabalho pedagógico direcionado a elas, por isso, no seu art. 4º, registra a concepção de criança, enfatizando a quebra com as ideias universais que traziam a imagem da criança como um ser frágil e inocente ou como um adulto em miniatura, como demonstrou com maestria fenomenal o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Tratando de uma concepção de criança como um sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2013).

Ainda no seu art. 9º, as DCNEI (BRASIL, 2013), definem que: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras”. Nesta perspectiva das DCNEI (BRASIL, 2013), as interações e brincadeiras constituem-se como categorias de organização do trabalho

pedagógico pelo professor na Educação Infantil, configurando seus tempos e espaços. O documento ainda enfatiza a necessidade de trabalhar os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e de manifestações artísticas e culturais.

Dessa forma, sistematização e intencionalidade pedagógica na Educação Infantil é a liberdade para criar, fantasiar e inventar novos mundos, novas maneiras de sentir e se relacionar com o conhecimento. Com as experimentações de linguagens difundidas na atividade criadora que cumpre um papel importante na compreensão do mundo pelas crianças.

Com isso, para proporcionar a atividade criadora dentro das escolas é primordial entendermos como esse fenômeno se comporta, e conseguirmos identificar os fatores que contribuem para sua manifestação, a fim de criar dentro da sala de aula condições favoráveis para o seu desenvolvimento e por consequência para a criação, dessa forma, Vigotski (2009), nos diz que:

Nosso cérebro mostra-se um órgão que conserva nossa experiência anterior e facilita a sua reprodução. Entretanto, caso a atividade do cérebro fosse limitada somente à conservação da experiência anterior, o homem seria capaz de se adaptar, predominantemente, às condições habituais e estáveis do meio que o cerca. Todas as modificações novas e inesperadas no meio, ainda não vivenciadas por ele na sua experiência anterior, não poderiam, nesse caso, provocar uma reação necessária de adaptação. Junto à conservação da experiência anterior, o cérebro possui ainda uma outra função não menos importante [...] combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento: Se a atividade do homem se restringesse à mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado, adaptando-se ao futuro apenas na medida em que este reproduzisse aquele (p.15-16).

Ao caracterizar e diferenciar as duas modalidades de atividade humana, Vigotski expõe dois fatores indispensáveis para a manifestação da atividade criadora no sujeito, o primeiro trata-se da experiência, aqui entendido como todo conhecimento de vida que o sujeito carrega, seja esse conhecimento adquirido através da vivência ou da observação do outro. É importante salientar que a experiência trata-se do conjunto de percepções realizadas através da totalidade dos sentidos, sendo assim, não há como segregar as percepções em campos determinados como os propostos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que colaboram com a ideia de experiência como acúmulo de ações sem um sentido que os articule de forma consciente.

Para a atividade reprodutora a experiência pode ter um caráter de roteiro a ser seguido, onde o sujeito se atém a reprodução mais fiel possível da experiência anterior,

visando alcançar os mesmos resultados obtidos da primeira vez, sendo assim a atividade reprodutora pouco agrega ao conhecimento já existente. Na atividade criadora, a experiência assume uma posição de um guarda-roupa cheio de peças únicas que podem ser combinadas e recombinadas, criando significados e objetos visuais diferentes que expressam o poder da atividade criadora da imaginação, partindo do que existe para acrescentar algo de novo, gerando com isso através da experimentação um aumento nas possibilidades de ensino e aprendizado.

Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela assimilou; maior é a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência sendo as demais circunstâncias as mesmas, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação (VIGOTSKI, 2009, p.25)

Em VIGOTSKI a imaginação é ativa, ou seja, possui atividade que se desdobra em reprodutora e criadora. Nesta perspectiva, por meio da minha experiência no projeto Canteiros de Criação, passei a compreender a sala de aula como um verdadeiro canteiro de elaboração e criação, um espaço comprometido com o exercício da atividade criadora da imaginação das crianças. Com isso, entendi que é necessário garantir as condições e possibilidades objetivas e simbólicas para que os sujeitos desenvolvam as suas experiências de vida e necessidades de formação. Nesse contexto, sendo a experiência algo individual e subjetivo, ou seja, algo que acontece com o sujeito e o marca de forma única (LARROSA, 2002), convém proporcionar na Educação Infantil um ambiente favorável a construção de uma experiência marcante e significativa.

Na escola há pouco espaço para o novo, as salas são sempre organizadas das mesmas formas, cada turma tem sua rotina diária onde os acontecimentos do dia já estão definidos, contribuindo cada vez mais para a mecanização das crianças. As atividades já tem um produto definido, os materiais são sempre os mesmos, de que forma uma criança pode ter uma experiência nova num espaço onde ela já explorou tudo?

Dessa forma, a sala de aula destinada à atividade criadora das crianças, deve estar pensada de forma a buscar a ação delas, deve estar posta de uma maneira que provoque a interação, seja ela com o espaço ou com as pessoas que o ocupam. Utilizando-se de objetos do interesse das crianças, tendo como base o cotidiano delas, mas propondo um olhar subversivo ao material posto, possibilitando a experimentação do novo. O professor deve estar atento aos materiais e objetos que cativam a atenção e interesse de suas crianças, para garantir a presença destes na sala.

É preciso uma grande reserva de experiência anterior para que desses elementos seja possível construir imagens. Se eu não tiver alguma ideia de aridez, de areal de enormes espaços e de animais que habitam o deserto, não posso, é claro, criar a minha imagem daquele deserto (VIGOTSKI, 2009, p.26).

Quanto mais estimulantes forem para as crianças os materiais e objetos disponibilizados em sala de aula, maior será a riqueza de percepções a respeito do mesmo, e logo será maior o acervo de material de construção de uma ideia que antecede a criação. Essa percepção de aridez, suavidade, de pesado ou leve, e outras tantas só será possível através da experimentação destes materiais diversos pela dissociação e combinação, outros fatores indispensáveis no processo de criação.

Quando entramos em contato com um objeto diferente inicia-se a composição de um quadro das percepções deste objeto, definimos cor, tamanho, textura, utilidade, etc, e todas essas percepções juntas compõe nossa imagem completa do objeto, a dissociação por sua vez é essa habilidade de isolar parte de nossa experiência com o objeto, ou seja isolar elementos de nossa percepção, veja bem que não trata-se de construir a experiência em um só aspecto ou em um conjunto de aspectos como está proposto nos campos de experiência da BNCC, mas sim de revisitar a totalidade e extrair dela as percepções necessárias a criação.

O realce de cada um desses traços e a rejeição de outros são o que, devidamente, podemos chamar de dissociação. esse processo é de extrema importância em todo o desenvolvimento mental humano; ele está na base do pensamento abstrato, da formação de conceitos. (VIGOTSKI, 2009, p.38).

É através da desconstrução que o lado mais experimental da criança aflora, se observamos, por exemplo, a representação de uma mãe na brincadeira de uma criança poderá notar que em momentos distintos algumas características vão se sobressair nessa imagem criada, quando temos uma mãe mais brava (onde temos o exagero da raiva), e que do nada se transforma em uma mãe mais carinhosa (onde temos o exagero da compaixão), observamos a realce de duas características percebidas previamente e que foram exageradas a fim de experimentar diferentes caricaturas de mãe.

A combinação por sua vez se apropria dessas percepções isoladas e as reorganizam de forma a criar um novo sentido extraído das percepções prévias do sujeito. O movimento de escolher em seu acervo de experiência as características necessárias para compor da melhor forma a expressão de sua ideia é experimentação pura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na perspectiva de trabalho do projeto Canteiro de Criação, o professor a frente de uma *sala canteiro* assume a posição de observador atento às curiosidades e necessidades das crianças de investigação, e também de proporcionar as condições para a exploração mais completa possível desses objetos através da organização do espaço escolar, para então provocar a criação na infância. Dessa forma, as *salas canteiros* desenvolvidas pelo trabalho da professora Jalmira, constitui uma concepção de espaço pedagógico percebido segundo os princípios da atividade criadora da imaginação. Assim, uma estratégia excelente de organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil.

Com isso, busquei pensar sobre a *atividade criadora da imaginação* na organização do trabalho pedagógico nos espaços de criação, propus-me a pensar e criar propostas de situações que provocassem a atividade criadora da imaginação das crianças com esta turma de pré I. As propostas que vieram a ser desenvolvidas proporcionaram momentos interessantes que contribuíram com a discussão aqui proposta. Em seguida, trago os relatos do desenvolvimento de duas situações para discutirmos com a ajuda dos escritos de Vigotski, a manifestação da atividade criadora na educação infantil.

Mas antes é preciso considerar que as situações propostas estavam limitadas a um tempo e um espaço que nos foi disponibilizado para a realização deste trabalho, de forma que não era possível realizar mudanças permanentes na organização da sala, pois a sala era compartilhada entre os turnos da manhã e tarde, e as atividades precisavam ter um tempo determinado, concentrando o foco do trabalho realizado principalmente na seleção de materiais e na disposição deles no espaço, além da provocação da interação com as crianças.

Ninho de passarinho

Dois fatores me levaram a pensar nessa proposta que está prestes a ser analisada. O primeiro deles foi que nos últimos encontros com a turma de pré I, foram desenvolvidas narrativas em cima da ideia do pássaro, e durante uma interação entre docente e crianças, o adulto em questão perguntou onde que os pássaros moravam, e todas as crianças falaram que o pássaro morava na árvore, isso me fez pensar que as crianças não entendiam o ninho do pássaro como a residência dele, e sim a árvore, me questionei se eles não conheciam o ninho ou se o ninho para eles tinha outro sentido.

Por coincidência a professora coordenadora do Projeto Canteiros de criação, Jalmira, havia encontrado semanas antes um ninho abandonado e o reservou na intenção de me ser útil no trabalho que eu estava desenvolvendo. Imediatamente decidi levar o ninho no próximo encontro e desenvolver a proposta a partir dele, porém eu não queria que as crianças simplesmente olhassem para o ninho, isso pouco as provocariam, e eu já tinha perdido o interesse delas algumas vezes em experiências anteriores, não queria que isso se repetisse.

Pensando principalmente em provocar a curiosidade das crianças decidi colocar o ninho dentro de uma caixa de sapato que estava coberta por folhas A4 brancas, o que aumentava o mistério por trás do item, além disso, levei uma banana na esperança de que as crianças aceitassem um jogo de adivinhação às cegas. Estando a parte de provocação inicial pensada, parti para a seleção dos materiais a serem propostos para experimentação das crianças, para isso me baseei principalmente em materiais que se assemelhavam aos que se encontravam no ninho, além de também trazer matérias que as crianças ainda não tinham tido contato nas propostas de experimentação anteriores, pois foi percebido que as crianças não se animavam com os materiais que já tinham contato antes, sendo assim chegamos a seguinte lista de materiais: Folhas secas; Folhas de revistas e livros cortadas em tiras; Livros e revistas antigas; Tesouras sem ponta; Papel crepom também cortado em tiras; Papel seda picado; cartões de papelão; Cola branca; Cola isopor.

Já é possível perceber através do processo de planejamento a manifestação de fatores ligados à atividade criadora da imaginação no trabalho docente, a **situação incomum** por exemplo se manifesta na necessidade do docente de captar a curiosidade e interesse das crianças, provocando a busca do professor pela adaptação aos interesses da turma. Para Vigotski (2009) o desafio de adaptar-se às novas situações provoca-nos a reorganizar nossas ações comuns, e proporciona experimentações que geram novas percepções e por fim novos conhecimentos.

No relato acima podemos afirmar que a busca por se inserir no campo de curiosidade das crianças resultou na reorganização do trabalho pedagógico, onde o professor abraça uma abordagem mais próxima das brincadeiras, combinando elementos de sua experiência anterior na sala de aula. Para construir a proposta de atividade foi considerado, o interesse das crianças pela brincadeira dos pássaros que vinha sendo desenvolvida a semanas, a percepção do professor em relação a possibilidade de expandir o tema dos pássaros, a resposta das crianças em relação às propostas de atividade e matérias anteriores. Sintetizando o processo de elaboração do trabalho pedagógico, o professor teve a experiência em sala, identificou

uma situação a qual deveria adaptar-se, e em seguida criou uma proposta para responder ao desafio, constituindo assim um processo claro de criação docente.

Pode-se dizer que é mais fácil perceber esse processo criativo da imaginação no adulto, pois ele acontece de forma mais consciente comparado aos processos das crianças, que muitas vezes são sutis e passam despercebidos aos olhos apressados dos adultos., “os interesses da criança e do adulto são diferentes, por isso compreende-se porque a imaginação dela funciona de maneira diferente” (Vigotski. 2009. p. 45). Continuando a analisar o relato podemos perceber o tamanho da sutileza envolvida.

Chegando o dia de realização da atividade propus que fossemos todos para o pátio onde o espaço era maior, lá iniciei perguntando às crianças como tinha sido a semana com o brinquedo que fizeram no último encontro, muitos foram os relatos.

Após ouvir o relato de todas as crianças foi anunciada uma surpresa, apresentei a caixa branca e disse que dentro dela tinha uma coisa que tinha relação com os pássaros. Todas as crianças correram em direção a caixa, mas o mediador não deixou que elas vissem o ninho que estava dentro.

Mediador: Eu quero saber se vocês conseguem adivinhar o que tem aqui dentro. Eu vou dar apenas uma dica e é a seguinte: O que tem dentro da caixa faz parte da vida do passarinho.

- É um ovo Tio?

Mediador: Não é um ovo pessoal.

- É o pé dele!

Mediador: Não gente, também não é o pé do passarinho. Vocês querem sentir o que tem dentro da caixa?

- SIM!

Mediador: Então eu vou deixar um de cada vez, mas só se vocês vendarem os olhos, aí com os olhos fechados vocês vão colocar a mão na caixa e me dizer o que vocês tão sentindo, pode ser?

- SIM!

Uma a uma as crianças foram vendadas e tiveram a oportunidade de sentir o conteúdo da caixa através do toque e do cheiro:

Mediador: O que você está sentindo?

- Parece lixo... Tem cheiro de terra...

Mediador: E você acha que é o que?

- Eu acho que é a pena do passarinho.

Depois de sentir, elas podiam dar um palpite sobre o que achavam que tinha dentro da caixa, todos os palpites eram anotados no exterior da caixa com a ajuda de canetas. Os palpites e suas justificativas foram diversos:

- Eu acho que é terra tio, por causa do cheiro.
- Eu acho que é capim, porque o “passo” come capim.
- É cocô! tá fedendo.

Algumas crianças pareciam sentir medo ao tocar o ninho na caixa enquanto estavam vendados, expressavam reações de desconforto e de nojo, uma das crianças até desistiu de participar da dinâmica depois de colocar a mão na caixa pela primeira vez, mas apesar de não querer participar ela parecia estar muito curiosa para saber o que tinha dentro da caixa.

Após todos terem feito seus palpites, foi revelado o conteúdo da caixa, apenas uma menina acertou o que tinha dentro, ficamos um momento apreciando o ninho enquanto conversávamos sobre as funções dele.

Mediador: Pessoal, para que serve o ninho do pássaro?

- Serve pra ele descansar e dormir, igual minha cama que eu durmo de noite, o ninho é a caminha do passarinho tio.
- O ninho serve para a “passarinha” botar os ovos dela e criar os filhos dela.
- Iae os filhinhos dela nascem e ela sai pra comprar comida e trazer pra eles.

Mediador: E olhando assim para o ninho, vocês acham que ele é feito de que?

- Ele (o pássaro) vai no mato, catar pauzinho.
- Ele também coloca capim.
- Tem a pena dele também Tio.



Imagens 1, 2 e 3: Ninho na caixa.

Fonte: Acervo pessoal.

Em seguida voltamos para sala de aula, onde o mediador tinha pedido para que a professora previamente espalhasse o material de experimentação selecionado para o dia nas mesas, de um modo que cada criança pudesse alcançar todos os elementos disponíveis. As carteiras da sala eram sempre organizadas de uma maneira que se formavam duas grandes mesas na sala, o que facilitava a democratização na disponibilidade dos materiais. Quando todas as crianças se sentaram, foi orientado que elas produzissem uma colagem baseada no que o ninho significa para o pássaro.

Cada criança seguiu pelo caminho que achava mais coerente. Enquanto elas produziam, fomos observando e questionando a fim de perceber qual era a linha de pensamentos que eles estavam construindo. Aproximando-se de uma das alunas é percebido um certo padrão na forma com que ela colava as tiras de papel na base de papelão.

Mediador: Qual é a ideia da tua colagem amiga?

- Eu tô fazendo a casa do meu passarinho.

Mediador: E por que você tá fazendo ela assim? (referindo-se ao padrão)

- Por que se eu colocar o papel assim, vai ficar mais fofinho e aí o ovinho dele não vai quebrar.

Mediador: Você achou que o ninho que eu trouxe hoje era fofinho quando você tocou?

- Era mais ou menos né tio, porque o mato pode furar a mão, aí não fica tão fofinho.



Imagem 4: Construção do ninho.

Fonte: Acervo pessoal.

É possível perceber na fala da criança a intencionalidade em resolver um desafio do cotidiano do pássaro, o que nos dá espaço para especular sobre o desenvolvimento da construção das ideias das crianças até aquele momento. Compreendi que momentos como estes são essenciais para o desenvolvimento das crianças, por meio de tais atividades, pude constatar o quanto as crianças são propícias a processos que envolvem invenção e criação. Dessa forma, a ideia de salas canteiros faz total sentido para uma pedagogia que se apoia na natureza singular das crianças.

Bem no início desse processo, como já sabemos, estão sempre as percepções externas e internas, que compõem a base da nossa experiência. O que a criança vê e ouve, dessa forma, são os primeiros pontos de apoio para sua futura criação (VIGOTSKI, 2009, p.45).

Durante a interação da brincadeira foi falado do ninho como espaço para chocar os ovos, porém a percepção dos ovos como um objeto frágil necessitado de cuidados só pode ter vindo das experiências prévias da criança, pois em momento algum este fato foi mencionado ou observado durante as interações. Sendo assim podemos afirmar que a criança em questão

elaborou uma situação problema revisitando suas experiências fora e dentro da escola e enfatizando elementos dela, pois “as impressões supridas pela realidade modificam-se, aumentando ou diminuindo suas dimensões naturais” (Vigotski. 2009. p. 39), exemplificando um processo de dissociação.

A criança seleciona elementos da sua experiência como a função do ninho de proteger os ovos como base da sua ideia de criação, e outros elementos como a fragilidade do ovo como a situação a qual o ninho que está construindo deve adaptar-se. Visando a resolução da situação problema a criança exagera um dos elementos percebidos no ninho, que seria o caráter protetor, construindo a partir dos materiais que tem a sua disposição, uma representação deste espaço de acolhimento.

A próxima atividade descrita aconteceu no dia 20/09/2024, tentando trazer uma variedade das linguagens das artes para a sala do Pré I foi pensada uma atividade que abordasse as expressões cênicas com uma proposta de construção de personagens. Um outro fator que influenciou essa construção foi o fato das propostas anteriores ainda terem muita influência adulta, sendo assim foi posto como desafio uma proposta onde as crianças tivessem total autonomia de suas interações.

Iniciando o dia de atividades sentamos no chão em roda e foi perguntado para as crianças quais desenhos animados elas gostavam de ver, e qual era o personagem favorito delas. As respostas tiveram uma grande variação entre desenhos e personagens famosos e outros não tão famosos assim. Muitos foram os personagens citados como Bob Esponja, a Luna do show da Luna, a Peppa Pig, entre outros.

Um dos meninos da turma disse que sua animação favorita era Patrulha Canina, e seu personagem favorito era o Marshall, que é um cão bombeiro, e foi aproveitada a oportunidade para adentrar ainda mais no tema do canteiro proposto.

Mediador: E o Marshall é o que? Qual a profissão dele?

- Ele é bombeiro, ele apaga o fogo e salva os animais.

Mediador: E como que a gente consegue saber que ele é um bombeiro?

- Porque ele apaga o fogo tio.

Mediador: Mas se a gente ver ele na rua, sem ta apagando o fogo, como que a gente sabe que ele é bombeiro?

- Ele tem um chapéu de Bombeiro, é só a gente olhar.

Aproveitando o gancho, o mediador explicou como os personagens se vestem de acordo com seu papel na história, utilizando como exemplos os personagens que eles tinham falado antes.

Mediador: O Bob esponja por exemplo trabalha num restaurante, e o que ele usa que dá pra entender isso?...Ele usa uma espátula, e um chapéu quando tá no Siri Cascudo certo?

Após discutir mais alguns exemplos que as crianças iam sugerindo, o mediador espalhou pela sala várias peças de vestuário do acervo do Grãozinho, o acervo tinha mascaras, chapéus, vestidos, paletós, e outras peças e acessórios de tamanhos variados, também foi posicionado um espelho de tamanho pequeno num gancho disposto na sala, numa altura que as crianças pudessem se ver. Já que segundo Vigotski (2009. p. 18) “Identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras” , neste momento as crianças puderam experimentar as peças e criar suas brincadeiras livremente, o mediador se limitou apenas a observar.

Fui percebido muitos personagens se construindo de forma consciente entre uma brincadeira e outra, quase como em um jogo de improvisação do teatro onde as histórias se interligavam. Personagens surgiam como um raio e na mesma velocidade davam espaço para outro.

Uma menina encontrou um chapéu branco adornado com renda e conchas, encontrou também um tecido de renda branca e logo combinou os dois e saiu pela sala perguntando quem queria se casar com ela.

- Quem quer casar comigo? Eu sou uma noiva, eu quero casar!

Andou um pouco pela sala e encontrou sua amiga que usava um colete xadrez vermelho e uma fita rosa amarrada na cabeça.

- Amiga, você quer casar comigo? Eu sou uma noiva.

- Quero.

Simple assim o casamento estava arranjado, as duas deram as mãos e selaram esse laço. E então a brincadeira chegou ao fim, como se a protagonista de uma peça romântica tivesse encontrado o seu feliz para sempre.



Imagens 5 e 6: Noivado.

Fonte: Acervo pessoal.

Nesta brincadeira os processos de criação ficam mais claros, pois a experimentação aqui defendida acontece de forma literal, através da prova das peças de vestuário e também de forma subjetiva quando, por exemplo, a noiva exacerba sua vontade de casar, desta forma “a brincadeira possibilita a troca de papéis, a imitação, a construção e testagem de regras, entre tantas outras possibilidades de vivências” (Schlindwein; Milléo; Souza. 2024. p. 5) que não seriam possíveis em situações regradas onde todos os acontecimentos são previstos e planejados.

Um outro fato é que não foi realizada nenhuma provocação que incentivasse a criança a construir uma representação de noiva, o que nos leva a crer que sua ideia sobre casórios advém de suas experiências anteriores e que foram despertadas a partir dos materiais que estavam à sua disposição.

À primeira vista, os processos de imaginação por si sós, seu direcionamento, parecem ser apenas internamente orientados pelas necessidades da própria pessoa, estando dessa forma condicionados a motivos subjetivos. Na verdade, não é assim. Há tempos, a psicologia estabeleceu a lei segundo a qual o ímpeto para a criação é sempre inversamente proporcional à simplicidade do ambiente (VIGOTSKI, 2009, p.45).

Dessa forma, a criação da representação da noiva acontece principalmente por conta da experiência prévia da criança, mas também pelo contato da mesma com os materiais disponíveis, que por sua vez despertaram na menina o desejo e a necessidade de expressar esta noiva numa brincadeira cênica. As peças selecionadas por ela para compor sua criação estavam próximas uma da outra, o que pode ter contribuído para a idealização de seu personagem.

Para além das peças de roupa a fantasia da criança se manifesta em seu comportamento, a forma com que a entonação de sua voz mudava quando ela chamava por um noivo pela sala, combinado ao caminhar que mais parecia passos de valsa contribuiu para a criação desta noiva, e enfatizavam a percepção da criança sobre esse personagem.

As brincadeiras infantis são apenas um eco do que a criança viu e ouviu dos adultos. No entanto, esses elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. (VIGOTSKI, 2009, p.18).

Por mais que a noiva criada reflita a recordação de uma experiência anterior da criança, o seu comportamento dentro da brincadeira se distancia da realidade, pois não é comum uma noiva pedir seu noivo em casamento, é menos comum ainda este noivo ser a primeira pessoa que concorda se casar, ou seja, a brincadeira “É uma combinação dessas impressões e, baseadas nelas, a construção de uma realidade nova que corresponde aos anseios da criança” (Vigotski. 2009. p. 18), configurando uma atividade criadora de sua imaginação.

No brincar, ela representa à pessoa, pela primeira vez, a possibilidade de criação. No entanto, o produto gerado no brincar não se assemelha ao da arte teatral; sua intenção não é a técnica ou a apresentação, mas sim o exercício de vida e criação do modo mais genuíno. A ação dramática presente no brincar não apenas proporciona à criança a experiência do drama como elemento vital da vida, mas também a oportunidade de elaboração de algo novo, da imaginação e da criação (Schlindwein; Milléo; Souza. 2024. p. 6).

Por isso, as brincadeiras infantis configuram muito mais do que mera distração, elas são, através dos processos de imaginação e criação oportunidades constantes de mudança, e de ressignificação dos sentidos atribuídos aos mais diversos objetos, é através do brincar que a criança conhece e produz sua cultura. Criando e recriando o mundo a sua volta como formas de expressão e comunicação da cultura lúdica.

CONCLUSÃO

Com base na discussão aqui realizada podemos concluir que a partir do trabalho pedagógico desenvolvido com foco em provocar a criação, diversas foram às manifestações da atividade criadora no âmbito da educação infantil. Partindo da escuta sensível das interações das crianças com o espaço, seus colegas, os adultos e os materiais dispostos foram possíveis pensar e elaborar propostas de brincadeiras e organização do espaço que contribuíssem para a manifestação da atividade criadora, e que se relacionavam diretamente com interesses de exploração das crianças.

Foi constatado que a atividade criadora se manifesta de forma mais clara a partir da garantia de dois fatores sendo eles a riqueza de materiais dispostos e a autonomia das crianças em desenvolverem suas próprias brincadeiras. Nas experiência do ninho narrada anteriormente por exemplo, as crianças tinham materiais diversos, mas tinham uma orientação em comum que era a de criar algo que representasse o significado do ninho para o pássaro, o resultado foi a criação de vários ninhos que tinham sim sua individualidade e apresentavam processos criativos distintos, mas que ainda assim foram de certa forma direcionados.

Na segunda experiência, por sua vez, temos combinado a diversidade de materiais, que nesse caso eram as peças de vestuário, e a liberdade para as crianças brincarem da forma que bem entendessem, resultando assim na expressão de diversos personagens distintos que iam desde noivas até cowboys que montavam touros indomáveis, cada um com suas características bem pensadas, e com peças do vestuário que contribuem para a criação desta *persona*.

Sendo assim, fica claro a perspectiva que uma sala de educação infantil direcionada a criação deve seguir, com espaços ricos dos materiais que provoquem a ação das crianças e que estes espaços sejam pensados de forma a garantir a autonomia de suas atividades. Os esforços do docente devem se voltar à percepção real de suas crianças, considerando os interesses delas como guia de sua prática e desconsiderando o sentido contrário desta ação.

Desta forma, a Educação Infantil vista de um ponto de vista do Canteiro de Criação, as aprendizagens são experiências essenciais que promovem aprendizagem e desenvolvimento, sempre levando em consideração as interações e a brincadeiras como eixos estruturantes da elaboração e organização do trabalho pedagógico com as crianças. As

interações e brincadeiras são eixos estruturantes porque constituem espaços primordiais de situações imaginárias nas quais as crianças reelaboram suas experiências vivenciadas.

REFERÊNCIAS

DE ANDRADE MEDEIROS, Simone Maria. **A teoria da atividade em Vygotsky, Leontiev e Engeström: os fundamentos da aprendizagem expansiva**. Revista HISTEDBR on-line, v. 21, p. e021051-e021051, 2021.

DE BASTOS NASCIMENTO, Simone Maria; VESTENA, Carla Luciane Blum. **Contribuições para pensar sobre a atividade criadora na Educação Infantil: reflexões a partir da obra de Vigotski**. Horizontes, v. 37, p. e019051-e019051, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Artmed Editora, 2009.

KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloisa Candal. **Educação infantil: Enfoques em diálogo**. 3ª edição. Papirus Editora, 2011.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista reflexão e ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277p.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática, 2009.